



Revista de Estilos de Aprendizaje / Journal of Learning Styles

ISSN: 1988-8996 / ISSN: 2332-8533

A Educação Básica e o Ensino Remoto: desafios ou possibilidades?

Juliane Chaneiko

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

julianechaneiko@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7847-2919>

Cristiano Maciel

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

crismac@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2431-8457>

Received: 30 March 2022 / Accepted: 23 October 2022

Resumo

No início do ano de 2020 fomos surpreendidos com um novo vírus, o SARS-CoV-2, popularmente chamado de COVID-19, sendo altamente contagioso e trazendo consigo um grande número de mortes. Baseando-se em recomendações da Organização Mundial da Saúde, o isolamento social foi a alternativa para uma tentativa de contenção do vírus. Na educação, o isolamento social, que culminou com a suspensão das aulas, trouxe consigo um caminho não tão novo assim, mas ainda muito pouco explorado, a comunicação mediada e o ciberespaço e, atrelado a eles, o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Para a Educação Básica, o Ensino Remoto apareceu como a solução para a continuidade das atividades escolares, mas devido a uma série de fatores foi muito questionado. Sendo assim, neste artigo buscamos apresentar as diversas faces do Ensino Remoto, bem como fazer uma discussão das dificuldades encontradas por professores e comunidade escolar, buscando destacar algumas possibilidades trazidas por ele. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, através da qual podemos observar que a migração para o Ensino Remoto enfatizou uma série de dificuldades no âmbito educacional, expôs fragilidades, mas também apresentou muitas possibilidades que podem auxiliar no processo de aprendizagem.

Palavras chave: ensino remoto; educação; pandemia; COVID-19

[en] Basic Education and Remote Education: Challenges Or Possibilities?

Abstract

At the beginning of 2020 we were surprised by a new virus, SARS-CoV-2, popularly called COVID-19, being highly contagious and bringing with it a large number of deaths. Based on recommendations

from the World Health Organization, social isolation was the alternative to an attempt to contain the virus. In education, social isolation, which culminated in the suspension of classes, brought with it a not so new path, but still very little explored, mediated communication and cyberspace and, linked to them, Emergency Remote Teaching (ERE). For Basic Education, Remote Teaching appeared as the solution for the continuity of school activities, but due to a series of factors it was much questioned. Therefore, in this article we seek to present the different faces of Remote Teaching, as well as to discuss the difficulties encountered by teachers and the school community, seeking to highlight some possibilities brought by it. Therefore, we developed qualitative research of a bibliographic nature, through which we can observe that the migration to Remote Teaching emphasized a series of difficulties in the educational field, exposed weaknesses, but also presented many possibilities that can help in the learning process.

Keywords: remote reaching, education; e-pandemic; COVID-19

SUMARIO: 1. Introdução. 2. O ensino remoto e a educação na pandemia. 3. A imersão tecnológica proporcionada pela pandemia. 4. A tecnologia como um novo horizonte a ser explorado. 5. Os desafios impostos pela nova realidade. 6. Considerações finais. 7. Referências.

1. Introdução

Ao refletir sobre o cenário atual, podemos concluir que, além de todos os medos e anseios relacionados à saúde da população em meio à uma Pandemia, a educação foi convidada à uma viagem, sem direito a recusa pelo amplo universo do ciberespaço. Fomos impulsionados por meios eletrônicos muito presentes no dia a dia de todos nós, entretanto em algumas vezes inexplorados.

Neste cenário, nem todos sentiram-se confortáveis. O celular que antes era mais usado como meio de comunicação ou de entretenimento passa agora a ser um aparato indispensável para a continuidade das atividades escolares. Um misto de esperança e desespero pairou sobre grande parte dos educadores, alunos e familiares. E nesse ensejo, podemos retomar Gallo (2008) que afirma que o mais importante em momentos como este não é “nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas”.

Conforme asseveram Barros *et al.* (2020), o transtorno causado pelo coronavírus evidencia ainda mais as crises e problemas da sociedade em que vivemos e que já faziam parte de nosso cotidiano, doenças como depressão, ansiedade e cansaço.

Em meio a todo esse cenário, voltando ao contexto educacional, com as aulas presenciais sendo suspensas e sem previsão nenhuma de retomada, ganha espaço o Ensino Remoto. Modalidade de ensino caracterizada como emergencial, aparece como um caminho quase que único para a continuidade das aulas, e que permite que o processo de aprendizagem se desenvolva através de artefatos tecnológicos, com separação de espaço e até de tempo (Souza; Miranda, 2020).

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi introduzido na educação básica visando a manutenção do ano letivo e a minimização dos problemas educacionais causados pelo distanciamento social e pela suspensão das atividades educacionais presenciais. A retomada das atividades de ensino de maneira virtual provocou uma transformação no processo de aprendizagem, pois as aulas deixaram de ser presenciais e “invadiram” o mundo virtual, sendo chamadas agora de Ensino Remoto, modelo que apesar de se parecer, não corresponde ao EaD. (Bozkurt; Sharma, 2020).

Sendo assim, desenvolvemos este trabalho partindo do seguinte questionamento: quais as principais dificuldades de adaptação que docentes e estudantes encontraram na implementação do ensino remoto emergencial? E dessa forma, buscamos identificar: quais as possibilidades que surgiram com a migração para o ambiente remoto, as estratégias encontradas por professores para dar continuidade ao processo mesmo em um momento tão complicado?

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, a qual, segundo Gil (2002), é desenvolvida com base em materiais já existentes, como livros e artigos científicos. Grande parte dos trabalhos científicos que são desenvolvidos precisam em algum momento de um tipo de trabalho dessa natureza, no entanto, são comuns os estudos desenvolvidos somente a partir de fontes bibliográficas (Gil, 2002).

O presente trabalho justifica-se devido a pouca disponibilidade de trabalhos na área que, retratem

os desafios enfrentados por docentes e discentes e também as contribuições para a educação, que ficarão de “herança” deste período tão marcante para toda população mundial.

Para desenvolver a pesquisa utilizamos a base de dados do *Google Acadêmico*, selecionando trabalhos que tratem do ensino remoto, ou seja, entre os anos de 2020 a 2022. O artigo está organizado em cinco seções que se iniciam a partir desta introdução, inicialmente trazemos a conceitualização do Ensino Remoto Emergencial, com uma breve descrição de como ocorreu a sua implementação em meio a pandemia. Na próxima seção, discutimos sobre como ocorreu essa imersão tecnológica da educação. Na sequência abordamos as novas possibilidades que foram surgindo com a implementação do Ensino Remoto e finalizamos apresentando as angústias e dificuldades relatadas pelos docentes nesse período, seguido das nossas considerações finais.

2. O ensino remoto e a educação na pandemia

“Ensino remoto” denota uma distância, uma separação no espaço referindo desta forma em um distanciamento geográfico. Assim usamos o termo remoto porque os docentes e estudantes estão anteparados por decreto que os impedem de frequentar instituições educacionais presenciais para evitar a contaminação e disseminação do vírus. Outro termo usado para conceituar o momento em que vivemos é o “emergencial”, e este se aplica pelo fato de que do “dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado”, reformulado ou adaptado para a o ambiente virtual (Behar, 2020).

Nesse aspecto, Behar (2020), mostra-se alinhado aos pensamentos de Cavalcanti (2020) que afirma que o ERE usufrui da internet como meio essencial de solucionar os problemas de âmbito educacional causado pela Pandemia de coronavírus (COVID-19). Sendo assim, seria uma alternativa temporária para retomar as atividades pedagógicas sem romper o isolamento social. Para tanto, nesse tipo de Ensino, as atividades ocorrem em ambiente online, onde a interação entre discentes e docentes podem acontecer no formato de videoaula gravada e disponibilizadas em plataformas online, e também tempo real, sendo que o mesmo docente atua no desenvolvimento da disciplina e dos conteúdos e também no processo de efetivação do ensino e avaliação de aprendizado.

Hodges *et al.* (2020) reafirmam que o ERE é uma mudança temporária, uma forma alternativa de continuar a entrega de conteúdos curriculares em uma situação pandêmica e/ou crise. Sendo assim ela ocorre de forma totalmente remota, onde as aulas elaboradas para a forma presencial são transferidas para o meio virtual.

Baseando-se na concepção de que a urgência e o caos trazidos pela pandemia fizeram com o Ensino Remoto fosse algo inevitável, Minto (2021) refuta a pressuposição de que ERE surgiu somente devido a esse momento. Para o autor, as Tecnologias de Informação já mostram seus efeitos no mundo do trabalho, e estão sendo cada vez mais usadas na educação com a expansão da Educação a Distância (EaD), e que a inserção desses recursos na educação já era um caminho a ser percorrido e somente foi acelerado com a pandemia.

De acordo com Cordeiro (2020) a tecnologia é algo muito importante e consequência da evolução digital. E em meio a uma realidade assustadora, como a causada pela pandemia, o suporte das tecnologias digitais foi uma tentativa das instituições de ensino, que buscaram uma nova modalidade de ensino, com as quais docentes, estudantes e familiares tiveram que conhecer, e com criatividade se adaptar para prosseguir as atividades escolares utilizando agora a Internet, que sem dúvida foi um diferencial nesse processo, oferecendo uma imensa gama de recursos disponíveis.

De acordo com Thompson (2005), a tecnologia é algo que está presente cada dia mais em nossa vida, aproximando-nos no espaço e no tempo. No entanto, no ano de 2020 a educação precisou se reinventar, deixar as salas de aulas físicas e partir para o meio digital em uma tentativa quase que desesperada de manter a “normalidade” do ano letivo, e fazer isso de uma forma muito abrupta. Segundo Behar (2020) “o professor de uma hora para outra teve que trocar o “botão” para mudar de sintonia e começar a ensinar e aprender de outras formas”, e simplesmente mergulhar fundo no mundo do Ensino Remoto.

3. A imersão tecnológica proporcionada pela pandemia

Em seu livro “O privilégio da servidão”, Antunes (2018) nos traz uma reflexão que pode ser muito útil para analisarmos essa imersão no mundo da tecnologia, e que podemos utilizar para fazer uma analogia com o que Ensino Remoto trouxe consigo. Para o autor, o avanço das Tecnologias da Informação (TIC) representou, para muitos, um novo mundo repleto de oportunidades: “trabalho on-line, digital, era informacional, finalmente adentramos no reino da felicidade. O capital global só precisava de um novo maquinário, então descoberto”.

A tecnologia sempre foi vista como “a menina dos olhos de ouro” por todos nós. Sabíamos que através “dela” poderíamos explorar um imenso mundo de possibilidades, de novos aparatos que poderiam nos auxiliar no dia a dia. Entretanto, em muitos momentos, a visualizamos como parte de um futuro próximo, que poderia ser muito útil para o nosso dia a dia, mas sem muitas vezes buscar compreendê-la ou aperfeiçoar-se.

Sendo assim, a pandemia nos mostrou que nem todos nós, ou melhor, quase a maioria da população não estava tão preparada para entrar no tal “reino da felicidade” mencionado por Antunes (2018). Conforme afirma Souza (2020), no meio educacional, até mesmo os professores que já eram adeptos das tecnologias digitais como uma forma de apoio ao ensino presencial, tiveram dificuldades com a adaptação ao Ensino Remoto Emergencial.

Enfrentar o novo nunca é algo muito fácil, e o período pandêmico colocou a educação em novos caminhos. Falta de aparelhos eletrônicos, internet com sinal ruim, ou até mesmo a necessidade de transformar um cômodo da casa para conseguir ministrar suas vídeo aulas, são exemplos de desafios que foram surgindo.

Souza (2020) afirma ainda, que as dificuldades enfrentadas pelos professores, partem muito da falta de infraestrutura adequada em suas residências, bem como ausência de formações específicas para atuar de forma remota.

Nessa linha de raciocínio, Minto (2021) afirma que estamos sendo espectadores de uma série de deliberações e transformações na área educacional que repercutirão em nosso futuro. Para Minto, tudo que agora acontece é herança de algo que aconteceu no passado. E o Ensino Remoto Emergencial deixará muitas heranças para as gerações futuras. Na sua explicação sobre isso o autor ainda afirma: “Até no sentido terminológico, não deixa de ser uma triste ironia que o termo remoto tenha como um de seus principais significados, justamente, o de antigo”.

Partindo desse pressuposto, Cordeiro (2020) ressalta que o ensino, após a pandemia, nunca mais será o mesmo. Novas formas de aprender e ensinar foram descobertas, o “ensinar” rompeu as paredes da sala de aula, sendo apresentados a um mundo repleto de possibilidades, quase inexplorado.

Nossos docentes passaram a viver uma nova realidade, com novas formas de trabalhar e com novas ferramentas, enquanto que os estudantes precisaram aprender não só o conteúdo, mas principalmente a ter mais organização, mais dedicação e sobretudo responsabilidade e planejamento para as aulas remotas.

4. A tecnologia como um novo horizonte a ser explorado

De acordo com Alves (2020), o Ensino Remoto trouxe consigo uma porção de desafios, de grandes desafios. Entretanto, esse grande impulso para o uso de novas tecnologias na Educação pode ser um bom precedente para que o poder público possa finalmente olhar com mais atenção para esta causa.

Podemos afirmar que o Ensino Remoto revolucionou a cenário educacional, conforme podemos observar no esquema abaixo, que aborda de forma resumida as principais mudanças enfrentadas por docentes e discentes no Ensino remoto Emergencial.

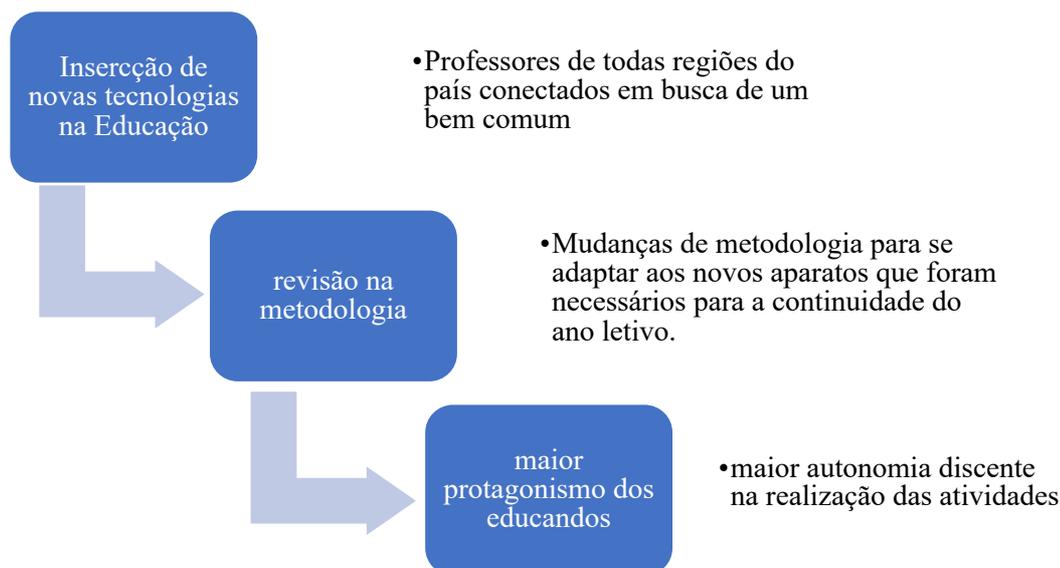
Podemos observar que a implementação do Ensino Remoto acarretou a adoção de muitos aparatos tecnológicos, que aproximou professores de diversas regiões do país em busca do bem comum. Para atender seus públicos, os professores precisaram adequar suas metodologias inserido novas ferramentas e novas possibilidades, tornando o ensino mais “atraente” e proporcionado mais autonomia aos educandos.

É incontestável que ainda faltam muitos caminhos para serem percorridos para que possamos afirmar que conseguimos inserir de vez a tecnologia na educação básica e que o Ensino Remoto foi uma espécie de pontapé inicial para que isso acontecesse. Entretanto, ficou evidente que investimentos

precisam ser feitos tanto em relação à formação dos docentes para o uso da tecnologia, quanto em relação ao aparato tecnológico das unidades de ensino.

Figura 1.

Caminhos a serem percorridos no uso de tecnologias na educação



No entanto, nesse período observamos vários docentes que se destacam em trilhar esse novo caminho de usar essas novas possibilidades que a tecnologia oferece à educação, principalmente no que se refere ao uso da Internet e aplicativos educacionais. Dentro da escola, a pandemia já causou uma grande mudança, e seus efeitos foram sentidos de imediato.

Novos hábitos e comportamentos foram adotados, tanto pela escola como por familiares, processos e metodologias estão sendo revistos. O trabalho em grupo, mesmo que à distância, foi intensificado, contra a imprevisibilidade e sobretudo na busca de um bem comum (Alves, 2020).

A busca por novos meios de ministrar aulas e de aprender através de artefatos tecnológicos confirma a hipótese de que os ambientes virtuais de aprendizagem trazem um protagonismo maior ao educando, tirando um pouco o domínio sobre o fazer docente que existe no ensino presencial. A educação, agora, ganhou novos espaços e tempos, e o ensino remoto desafiou os profissionais a aprenderem, ou se aperfeiçoarem mais no uso das TICs para desenvolver e ministrar suas aulas (Souza, 2020).

Um dos maiores exemplos disso é a rede de educadores que se formaram nas mais diferentes redes sociais. Docentes de uma mesma disciplina e ano escolar, separados no espaço territorial, unidos através da comunicação mediada, compartilhando atividades, planejamentos, aprendizados e experiências buscando um melhor aproveitamento das ferramentas disponíveis (Alves, 2020).

Cordeiro (2020), destaca a enorme capacidade de adaptação e a criatividade dos professores brasileiros nesse momento, para buscar formas de ensinar através de recursos midiáticos. Estes que além das aulas síncronas, buscaram aprender gravar vídeo aulas e adaptaram seus espaços para que isto acontecesse e auxiliasse no processo de aprendizagem.

As concepções deste autor são, portanto, convergentes com a visão de Alves (2020), que afirma que as crises geram oportunidades para que possamos aprender coisas novas. Sendo assim, o mundo não

será o mesmo após a pandemia. Com todos os ensinamentos proporcionados pela crise, acredita-se que, após a pandemia, a educação esteja mais fortalecida, mais apta ao uso de tecnologias e que toda essa mudança perdure e seja incrementada cada vez mais.

Dessa maneira, é possível afirmar que o crescente uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser encarado como uma nova metodologia de ensino em imersão, trazendo novas possibilidades, permitindo com que o aluno interaja com os conteúdos no meio digital, utilizando diversas ferramentas de aprendizado, como esquemas mentais, construindo uma forma racional e mediada da informação.

Muitos docentes, por sua vez, além de se destacarem no desenvolvimento de suas atividades em meio remoto, tornaram-se parceiros inspiradores para seus colegas de trabalhos, já que demonstraram muita criatividade e grande desempenho na criação de recursos audiovisuais pedagógicos no ensino remoto (Cordeiro, 2020).

Para Santos Junior e Monteiro (2020), não é de hoje que a educação e suas relações de ensino-aprendizagem buscam, mesmo que a passos lentos, acompanhar as mudanças acarretadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Antes mesmo da implementação do ensino remoto, uma grande parte dos alunos já estavam hiper conectados a diferentes formas de informação. Por esse motivo, é possível afirmar que o ensino remoto só acelerou o processo de repensar a utilização das tecnologias em sala de aula como um poderoso instrumento na mediação da aprendizagem.

Segundo Santos (2020), o ensino remoto tem deixado suas marcas, em alguns casos, permitindo encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares. Daudt (2015) em seu trabalho anterior a implementação do ensino remoto já afirmava que é possível desenvolver o processo educacional com aporte das tecnologias, numa perspectiva de diminuir os possíveis problemas causadas pelo isolamento social enfrentados por diversos alunos que se encontram afastados de uma sala de aula física e do contato presencial com seus colegas e professores.

5. Os desafios impostos pela nova realidade

Entretanto, o ensino remoto trouxe consigo muitos desafios e dificuldades para docentes, alunos e familiares. Que foi contagiado pelo vírus sofre com extremo abatimento, esgotamentos e uma nuvem de incertezas; os que foram curados, lidam com as mais variadas sequelas, os saudáveis, que migraram para o home office, precisaram se adaptar com novos rituais, e montar um arsenal de estruturas temporárias e por isso acabam cansando muito mais do que quando trabalhavam presencialmente. As pandemias geram um grande impacto social, econômico e político, e trabalhar dentro da própria casa, sem contatos sociais é muito desgastante, tanto para os profissionais da educação como para a população em geral (Dias 2021).

Diante do exposto, concordamos com Santos (2020) que afirma que, através da pandemia e sua quarentena fomos apresentados a novas realidades, novas alternativas e, percebemos que as sociedades conseguem se adaptar a novos modos de viver, quando isso é necessário em benefício comum. Entretanto, o autor, em sua obra “A Pedagogia do Vírus”, afirma que volta a normalidade, se é que isso será possível, não ocorrerá da mesma forma para todos, em distintas classes sociais, e questiona como será recuperado os atrasos, tanto nas carreiras como nos estudos, visto que, para ele, as classes menos favorecidas foram as mais prejudicadas nesse período, em todos os aspectos, inclusive no educacional.

Santos E. (2020) alerta que existe uma falha nos projetos de inclusão digital de professores e alunos. A autora ainda afirma que embora os docentes possam até ter mais facilidade de acesso, porém carecem de formação adequada para fazer um melhor aproveitamento do ciberespaço em suas aulas.

Sobre essa questão, Turek *et al.* (2021) afirmam que a Educação Básica foi conduzida de maneira muito frenética para o ambiente virtual, e que isso acarretou em alguns momentos uma simples condução do modelo tradicional presencial de ensino para o ciberespaço. Com isso, muitos docentes que ainda não eram tão adeptos à tecnologia em sala de aula e sem mesmo uma formação adequada para isso, utilizaram dos recursos digitais sem total conhecimento de seu funcionamento, utilizando-o, algumas vezes, de forma inadequada as suas potencialidades e provocando impactos no processo de aprendizagem.

Corroborando com os pensamentos de Turek *et al.* (2020), Península (2020) afirma que a migração para o meio remoto de ensino contribuiu para o aumento no nível de doenças como a ansiedades entre docentes, além de ter proporcionado uma sobrecarga de trabalho, demonstrando a real necessidade não só de um apoio técnico para os profissionais, mas também um apoio psicológico.

Dotta *et al.* (2013) esclarecem que a tecnologia nos proporciona uma série de oportunidades de acesso à informação, entretanto para que possa promover a aprendizagem ela necessita de artefatos, pois por si só, o acesso às tecnologias não significa aprendizagem. Sendo assim, o autor pondera que os professores possuem extrema importância nessa perspectiva, desde que dominem a tecnologia e tenham um planejamento apropriado.

Sendo assim, Conforto e Vieira (2015) reforçam que não basta ter acesso às tecnologias para que o processo formativo aconteça. É de extrema necessidade que o profissional possua os conhecimentos básicos para proporcionar aos educandos a possibilidade de aprendizado utilizando os aparatos tecnológicos. Ou seja, é através de uma formação tecnológica adequada que os profissionais conseguem oportunizar um aprendizado virtual semelhante ao presencial.

Barbosa (2020) afirma que a forma como ocorreu a implementação do ensino remoto emergencial não considerou todas as dificuldades que foram repassadas aos profissionais que não tiveram a formação para trabalhar à distância. Algumas vezes, os docentes não possuíam aparelhos eletrônicos que permitissem a gravação das aulas, tendo que usar o próprio celular para isso. Com isso, ressalta o autor, que houve um agravamento na precarização da categoria, que passou a trabalhar mais horas por dia, desempenhando as atividades escolares em ambiente doméstico.

De acordo com Bezerra *et al.* (2021), a forma com o ensino remoto foi proposta, pode ser considerado um grande equívoco, já que a maioria dos estudantes são de classes sociais mais baixas, não possuindo desta forma acesso a tecnologias digitais e nem mesmo ambiente ideal para desenvolver atividades, sendo que muitas vezes os alunos vivem em espaços muito pequenos que são divididos por várias pessoas.

Em estudo realizado no México, relataram algumas experiências positivas, como experimentar um novo método de ensino, aprender sobre tecnologia da informação, entre outros, porém citaram a falta de informações e de ferramentas disponíveis como uma das principais dificuldades encontradas. Segundo os pesquisadores grande parte das instituições não estavam preparadas para o sistema online, além de que, a maioria dos docentes não teve formação para trabalhar com tantos recursos tecnológicos (Juarez Díaz, 2020)

De acordo com Martins e Almeida (2020), o ensino remoto pode ser um bom caminho para a complementação das atividades escolares dos educandos, entretanto, não seria para substituição por completo das atividades presenciais, pois a escola como ambiente físico e presencial é insubstituível, e a educação é um espaço/tempo baseada em convivências e conversas.

As referidas autoras ainda salientam que é possível sim haver convivência em um ciberespaço, mas no que se refere ao ensino remoto, ficou evidenciado um processo de formação humana totalmente reduzido ao ensino. Isso pode ser justificado através de uma tentativa frenética de manter os índices e para atender demandas como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Para tanto o processo de ensino-aprendizagem ficou, em muitos casos, reduzido a uma transposição massiva de conteúdos do meio físico para o meio remoto, deixando em muitos casos até de considerar questões sociais e socioeconômicas dos seus sujeitos (Martins e Almeida, 2020).

Nesse aspecto as autoras encontram-se alinhadas aos pensamentos de Neri e Osório (2021), os quais nos informam, baseados em dados do Monitoramento dos Gastos da União com Combate à COVID-19, que no segundo semestre de 2020, o Brasil já havia gasto mais de 80% de todo o dinheiro previsto para o enfrentamento à pandemia. Entretanto, desse grande montante, apenas 6% seria usada pelo Ministério da Educação no enfrentamento à pandemia, revelando que a educação pode não ter sido tratada como prioridade pelo governo federal.

E assim, tanto docentes como estudantes buscaram, em tempo recorde, forma de “sobreviver” a uma demanda de ensino que por muitas vezes tornou-se unidirecional e massiva. Numa tentativa de manter o aprendizado e dar continuidade ao ano letivo, uma grande adaptação foi necessária.

Entretanto, essa inquietação em torno do ensino remoto é um problema que se iniciou bem antes da pandemia e da adoção desesperada do ensino por tecnologia, e remete ao fato de como muitos de nós entendemos e até mesmo praticamos o funcionamento das instituições de ensino, com foco no conteúdo a ser transmitido, nesse momento através de videoaulas e envio de apostilas (Neri e Osorio, 2021)

Gallego Trijueque *et al.* (2020), em trabalho desenvolvido em Universidades Espanholas, relataram um processo de transformação digital iniciada antes da Pandemia, que buscava adaptação das metodologias aos contextos atuais, na busca da inserção da tecnologia na realidade de docentes e

estudantes. Segundo os autores, com o início da pandemia, tornou-se mais perceptível o quanto esse processo precisa ser aprimorado, já que muitas falhas ainda foram diagnosticadas.

Mas como ressaltam Martins e Almeida (2020), tudo o que aconteceu na educação nesse período de pandemia nos permite perceber que a educação necessita de mudanças pontuais, e isso é perceptível quando nos deparamos com tantas histórias de superação em um período de tantas dificuldades, onde profissionais, estudantes e pais precisaram se reinventar para tentar manter o processo de aprendizagem.

Como um exemplo de superação, podemos citar Souza (2020), que nos descreve como ocorreu esse processo de transição nos CJCC (Centros Regionais de Ciência e Cultura) vinculados à Secretaria de Educação do Estado da Bahia, que atendem alunos do ensino médio que oferecem atividades de educação complementar com temáticas contemporâneas.

Segundo o autor, o ano de 2020 o CJCC de Vitória/Ba iniciou suas atividades em março, ofertando 10 cursos de livre escolha e com duração de aproximadamente 3 meses cada. De acordo com a autora, mesmo já utilizando o *Moodle* como uma ferramenta de apoio às aulas presenciais, a decisão por continuar os cursos de forma totalmente online foi uma tarefa que exigiu uma ressignificação, não havendo somente uma transposição do presencial para o virtual.

Sendo assim, é preciso refletir sobre esse período em que a educação foi colocada “a prova”. Sem dúvidas, o Ensino Remoto Emergencial foi um período muito difícil, por todas as questões de saúde e de adaptação às novas formas de “ensinar” e sobretudo de “aprender”. Foi um período de grandes aprendizagens para todos nós, através do qual fomos levados a um “mundo novo”, o ciberespaço, que vai permanecer e tem muito a agregar no processo de aprendizagem.

6. Considerações finais

Buscamos com estudo compreender quais as principais dificuldades de adaptação que docentes e estudantes encontraram na implementação do ensino remoto emergencial, bem como, identificar as possibilidades que surgiram com a migração para o ambiente remoto, as estratégias encontradas por professores para dar continuidade ao processo de aprendizagem.

Diante do exposto podemos afirmar que a educação se deparou com um cenário novo decorrente do isolamento causado pela pandemia. Docentes, estudantes e familiares foram introduzidos em uma realidade totalmente nova e muito pouco explorada. As tecnologias usadas na educação, o qual a sua implementação já vinha sendo discutidas de forma superficial, ganharam ênfase como sendo as únicas alternativas para a continuidade do ano letivo.

A educação pode ser considerada um processo transitório, que a todo momento precisa estar se atualizando a todo momento para adequar ao contexto socioeconômico, precisando muitas vezes se ajustar à realidade do aluno e do processo aprendizagem (Domingues, 2019).

Entretanto, a forma como ocorreu a transição para o ensino remoto foi muito abrupta, não levando em consideração as condições socioeconômicas e formativas de alunos e professores. Desta forma, muitos desafios foram surgindo, o que fez com que o período de adaptação fosse dificultoso para muitos profissionais e educandos. Mas ainda assim, desse momento podemos tirar inúmeras aprendizagens e muitas novas oportunidades.

Sendo assim, podemos concluir que o Ensino Remoto Emergencial trouxe consigo muitas dificuldades para professores: falta de formação adequada para trabalhar de forma online, falta de ferramentas adequadas, dificuldade de acesso, isso sem levar em consideração toda a adaptação e mudanças na rotina diária para conseguir suprir a demanda de trabalho.

Entretanto, muitas coisas positivas podem ser observadas. Sem dúvida nenhuma a educação não será mais a mesma. Todo esse processo transformou professores, alunos e pais. A tecnologia que antes, em muitos casos, era usada somente como meio de distração e lazer invadiu de vez as salas de aulas e trouxe com ela um grande leque de possibilidades, como novas metodologias, novas ferramentas e a necessidade de uma formação continuada para professores, principalmente levando em consideração as novas tecnologias.

Toda essa temática ainda merece muita atenção por parte dos pesquisadores, haja visto que ainda é tudo muito recente e, certamente, em relação a todo esse período de implementação e desdobramento do ensino remoto, muitos frutos ainda podem ser colhidos e muitas pesquisas realizadas, certamente essa é uma época que será um marco não só para a educação, mas para todas as áreas da nossa sociedade.

A guisa de conclusão, pode-se afirmar que o presente estudo traz muitas contribuições para que se possa entender como ocorreu a implementação do ensino remoto, as dificuldades encontradas pelos docentes e também as possibilidades que surgirão através desse período. Como limitações dessa pesquisa podemos citar a pouca disponibilidade de trabalhos que tratem do ensino remoto, reforçando a necessidade de mais pesquisas na área para que se consiga tirar mais lições positivas desse período.

7. Referências

- Alves, L. R. G. (2016). Práticas inventivas na interação com as tecnologias digitais e telemáticas: o caso do Gamebook Guardiões da Floresta. *Revista de Educação Pública*, v. 25, 574-593.
- Alves, L. (2020). Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Educação*, [s. l.], v. 8, n. 3, 348-365, 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365. <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Barbosa, O. L. (2020). Pandemia e a precarização do direito ao acesso à educação. *Rev. Resenhas Econômicas e Pandemia*, 1 (1). <https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/view/31745>.
- Bezerra, N. P. X.; Veloso, A. P.; Ribeiro, E. (2022). Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - *Rev. Pemo*, [S. l.], 3(2), 323917, 2021. <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3917>.
- Behar, P. A.; *O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância*. *Jornal da Universidade*. <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>;
- Bozkur, A., R. C.Sharma . (2020). Emergency Remote Teaching in a Time of Global Crisis Due to CoronaVirus Pandemic. *Asian Journal of Distance Education* 15 (1), i-vi.
- Conforto, D.; Vieira, M. C. (2015) *Smartphone na Escola: Da Discussão Disciplinar Para a Pedagógica*. *Latin American Journal of Computing*, v. II, 43-54.
- Cordeiro, K. M. A.; *O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino*. <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>.
- Dias, E.; A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. *Ensaio: aval. pol. públ. educ.* 29 (112) • Jul-Sep 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002901120001>.
- Domingues, A. T. (2019). A interiorização da EAD nas instituições públicas de educação no estado de Mato Grosso do Sul: avanços e perspectivas. *Horizontes - Revista de Educação*, [S. l.], v. 7, n. 14, 91-106. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/10855>.
- Dotta, Silvia Cristina. et al. (2013) Abordagem dialógica para a condução de aulas síncronas em uma webconferência. In: *X Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância*. Belém. Anais do X Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância. Belém: Unired/UFPA.
- Gallego Trijueque, S., Matarín Rodríguez-Peral, E., y Fondón Ludeña, A. (2020). Ensino digital pré-pandemia. Ponto de partida para uma transformação educacional no ensino superior. *Revista De Estilos De Aprendizagem*, 13(Especial), 5-16. <http://revistaestilosdeaprendizaje.com/article/view/2234>
- Gil, A. C. (2007) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Juárez Díaz, C. (2020). Online Teaching Experiences of Language Teachers in Higher Education in the Confinement Period. *Revista De Estilos De Aprendizagem*, 13(Especial), 43-55. <http://revistaestilosdeaprendizaje.com/article/view/2238>
- Marins, V.; Almeida, J.;(2020) Educação em tempos de pandemia no brasil: saberesfazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. *Rev. Redoc. Rio de Janeiro*. 4(2), 215 Maio/Ago. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026/34672>.
- Minto, L. (2021) A pandemia na educação. *RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade*, 6(10), 139-154.
- Neri, M.; Osorio, M. C.; (2021) Evasão escolar e jornada remota na pandemia. *Revista NECAT – Ano 10, nº 19*, <https://www.nexos.ufsc.br/index.php/revistanecat/article/view/4848/3607>.
- Palácio, M. A. V.; Takenami, I. (2020) Em tempos de pandemia pela COVID-19: o desafio para a educação em saúde. *Vigilância Sanitária em Debate*, [S. l.], 8(2), 10-15. <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1530>.

- Península, I. (2020) *Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil*: <https://www.institutopeninsula.org.br/>.
- Quintas-Mendes, A. et al. (2010) Comunicação mediatizada por computador e educação on-line: da distância à proximidade. In: SILVA, Marco et al (orgs.). *Educação on-line: cenário, formação e questões didático metodológicos*. Rio de Janeiro: Walk.
- Reimers, F. M.; Schleicher, A. (2020) *Educação Interrompida, Educação Repensada – Como a pandemia do Covid19 está mudando a educação*. Tradução para o português feita pelo CEIPE – Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais.
- Santos, B. de S. (2020) *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, S/A.
- Santos Junior, V. B. Dos; Monteiro, J. C. da S. (2020) Educação e covid-19: As tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. *Revista Encantar*, 2, 1-15.
- Souza, E. P. de.; (2020) Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, [S. l.]*, 17(30), 110-118. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>.
- Souza, D. G. de.; Miranda, J. C.. (2020) Desafios da implementação do ensino remoto. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, 4(n). 11, 81–89. <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/38>.
- Thompson, John B. (2020). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. .13ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Turek, J. A.; Beppu, F., Maciel, C..; (2021) De quem é a propriedade dessa videoaula? Reflexões sobre direitos autorais e de imagem em tempos de COVID-19. *Revista Revelli*. <https://doi.org/10.51913/revelli.v13i0.11858>.

Conflicto de intereses

Não houve conflito de interesse entre autores e revisores

Contribución de autores

Neste trabalho, a primeira autora teceu as ideias centrais do artigo e o segundo autor revisou e discutiu os achados com ela, colaborando ainda no desenho metodológico.



© 2022 by the authors. Submitted for possible open access publication under the terms and conditions of the Creative Commons